

# Para Magalhães combate a inflação pode gerar crise

Salvador — O governador eleito da Bahia e ex-ministro das Comunicações durante os cinco anos do governo Sarney, Antônio Carlos Magalhães, não apóia o principal pilar de sustentação da política econômica do governo do presidente Fernando Collor: o combate, a qualquer custo, da inflação. Para Antônio Carlos, a visão da equipe chefiada pela ministra Zélia Cardoso de Mello, da Economia, de que o instrumento mais eficaz para derrubar os preços encontra-se na paralisação da economia provocada pela recessão, pode servir como combustível para a instalação de uma crise social no País.

“O governo não pode ter como única meta o combate a inflação. É preciso também que exista pelo menos um grande programa nacional que marque a ação do estado no campo social. O governo precisa eleger uma prioridade paralela a inflação e mostrar resultados concretos na área escolhida”, afirma o governador eleito. “Sem isso, a luta pela queda dos preços pode trazer como resultado o agravamento das tensões sociais, decorrente do aumento das greves e da falta de opções de sobrevivência para uma larga parcela dos trabalhadores”, acrescenta. Antônio Carlos considera que o programa de ajuste implantado com a posse do novo governo atravessa, no momento, uma fase crucial. A encruzilhada, para



Ivaldo Cavalcante 15.09.86

*Aos amigos, ACM diz que presidente é bom mas governo é mau*

ACM, decorre da incapacidade das medidas econômicas adotadas até agora de jogar para baixo a carestia.

É essa resistência inflacionária, na visão de ACM, que estaria colocando as empresas na dianteira das remarcações — uma reação que, na prática, acaba por realimentar a ciranda dos preços. “Enquanto a inflação não descer para índices abaixo dos 10% ao mês, pelo menos, a credibilidade do plano será questionada pelos grandes

empresários e pelos grupos econômicos mais poderosos”, acredita.

## Sacrifício

Instalado numa confortável casa na Ilha de Itaparica, o governador eleito da Bahia não procura atingir Collor ou marcar uma linha de afastamento do governo, ao manifestar suas preocupações em relação a economia.

Ao contrário, Antônio Carlos Magalhães é só elogios quando se refere ao presidente. “Não se pode

imaginar que seja possível baixar a inflação e recolocar a economia em ordem sem um grande sacrifício”, diz ele. “Quem sustentar o contrário está falando como candidato, e não como alguém que realmente analisa com frieza a situação brasileira”. O fato, contudo, é que a avaliação do governador sobre as realizações do Governo Federal assume tonalidades mais ou menos negras, de acordo com quem seja seu interlocutor. Em público, ACM apresenta motivos de quem está prestes a assumir um governo estadual, para respaldar seus comentários econômicos.

“A Bahia é um estado pobre que não pode ser tragado por uma recessão de grandes proporções”, explica. “A recessão significaria mais fome, mais pobreza e a degeneração ainda maior das condições de vida da população”, diz. ACM também está preocupado com os efeitos da estagnação econômica sobre o desenvolvimento do estado que passa a governar a partir do próximo dia 15 de março. “Do ponto de vista das empresas, que geram empregos, a queda da atividade econômica seria ainda mais maléfica, no longo prazo. O Pólo Petroquímico de Camaçari, por exemplo, já deveria ter a segunda fase de seu projeto iniciada. Ocorre que a ampliação do pólo não ocorreu, o que cria obstáculos para o desenvolvimento da Bahia”, lembra.